

Uma "ducha de água fria" nos investidores

por Vera Saavedra Durão
do Rio

Na avaliação da consultoria Arthur Andersen, o Brasil deverá receber, nos próximos dois a três anos, US\$ 25 bilhões em investimentos diretos do exterior. "Há grande disposição do capital estrangeiro de aportar no País, mas a circular 2.487 do Banco Central, baixada ontem, poderá jogar uma ducha de água fria nos planos de muitos investidores", avisou o sócio-consultor da empresa, Francisco Papellás.

"Tem dinheiro a rodo no mercado internacional. Há um fundão de investidores privados, sediado na Europa, disposto a colocar US\$ 5 bilhões no Terceiro Mundo, dando destaque para inversões no Brasil. Não podemos esquecer também do mercado institucional com destaque para os fundos de pensão dos Estados Unidos, que detém trilhões de dólares e estão em busca de projetos capazes de lhes dar um bom retorno, no exterior. Há gente trabalhando na captação de US\$ 2 bilhões para fazer investimento direto", contou Papellás.

A visão da Arthur Andersen é diversa da manifestada pelos dirigentes do Banco Central, ao considerarem que houve uma antecipação dos investimentos estrangeiros no País. Papellás concorda com o BC na visão de que os dólares não virão de uma só vez, "numa enxurrada", mas "eles estão só esperando consertar a casa para vir".

O perfil dos investidores interessados em desembarcar aqui para fazer investimento de risco não é muito definido. "Há grandes empresas e bancos. Muitos pensam em criar estruturas que seriam administradas por instituições financeiras, como a criação de 'holdings' que iriam adquirindo empresas, criando outras. Também tem os interessados em estabelecer 'joint ventures', aumentar a capacidade de produção de empresas já instaladas ou redirecionar suas atividades. O setor de bens não duráveis é o que desperta maior atração, com ênfase para o ramo de alimentos industrializados, considerado mais simples e de retorno mais fácil", revelou o sócio-consultor da Arthur Andersen.